



## FASCISMO

### Etimologia:

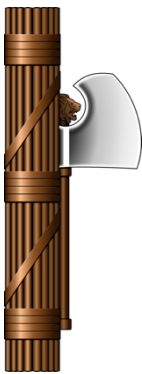
1 - (fas.cis.mo) s.m. A palavra fascismo tem origem na expressão italiana *fascio littorio* que por sua vez vem do latim *fasces lictoriae* (feixe de lictor), um símbolo de origem etrusca e usado durante o Império Romano. *Fasces* significa feixe. Constitui-se, portanto, de um feixe de varas de bétula branca, simbolizando o poder de punir, amarradas por correias vermelhas, símbolo da soberania e da união. Muitas vezes o feixe é ligado a um machado que simboliza o poder de vida e morte.

### Definição:

1 - Sistema político nacionalista antidemocrático liderado por Benito Mussolini (1883-1945), que esteve no poder na Itália entre os anos de 1922 a 1945. O emblema do Partido Nacional Fascista italiano estampa em seu logotipo um feixe de lictor.

2 - Política - regime político de extrema direita, totalitário, nacionalista adotado por Alemanha e Itália nas décadas de 1920, 1930 e 1940.

### O símbolo que deu origem ao termo :



O feixe de lictor (*fascio littorio*) foi originalmente um símbolo etrusco, usado pelo Império Romano, relacionado a autoridade e poder. Na Roma antiga era carregado por um Lictor, um servidor público que participava da guarda dos magistrados.



Um lictor romano com sua  
*fasces*

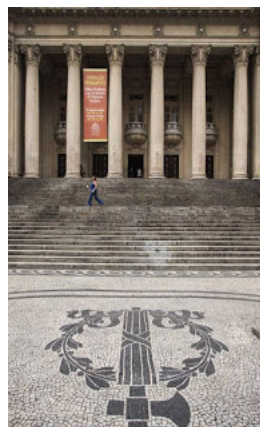
## O Feixe de Lictor como símbolo em algumas instituições e monumentos



**Interior do Palácio Tiradentes (Alerj)**



**Postes da Alerj**



**Calçada da Alerj**



**Brasão da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro**



**Brasão comemorativo do 40º Batalhão da PMRJ**



**Monumento aos heróis da travessia – SP**

Com coluna coríntia doada por Mussolini em 1929

Em seus sites oficiais, essas instituições se referem ao feixe de lictor como um símbolo da roma antiga que representaria a “força pela união”, a autoridade, a lei e o poder legitimamente constituído. Uma referência ao direito romano. Rejeitam, portanto, ou nem mencionam qualquer possível alusão ao fascismo.

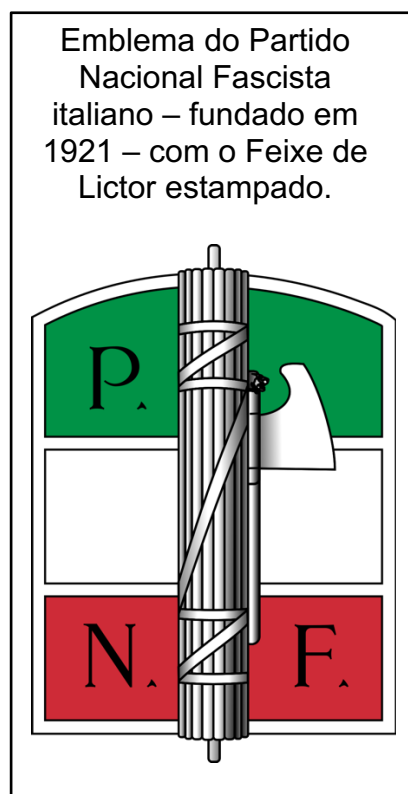
Entretanto, há alguns anos, um artigo de um dos jornais de maior circulação do Rio de Janeiro questionava se os feixes de lictor espalhados pelo Palácio Tiradentes (Alerj) seriam realmente referentes à Roma antiga ou ao fascismo italiano.

O texto em si é bastante confuso pois inicia citando fontes claramente equivocadas que relacionariam os símbolos do prédio às boas relações de Getúlio Vargas com Mussolini e Hitler. Em seguida, o próprio artigo refuta esse argumento pela simples incoerência cronológica já que o prédio foi inaugurado em 1926, ou seja, 4 anos antes da ascensão de Vargas à presidência da

República. Além disso, é preciso também lembrar que o projeto arquitetônico foi escolhido em dezembro de 1921.

O movimento integralista de Plínio Salgado também é citado, sendo descrito como o “principal grupo fascista do país”. No entanto, sua menção serve apenas para reforçar o argumento de que o Palácio não teria sido influenciado pelas ideias da Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada em 1932. Em resposta ao artigo, o site e os Jornais da Alerj também rejeitam a referência ao fascismo ressaltando a inconsistência cronológica.

O que os jornais não dizem é que o arquiteto Archimedes Memória, responsável pelo projeto do Palácio, se tornaria, alguns anos depois de sua inauguração, não apenas partidário do movimento integralista como também Coordenador de Artes Plásticas na “Câmara dos Quarenta” – órgão consultivo do chefe nacional da Ação Integralista Brasileira (AIB). Isso poderia servir para lançar a hipótese de uma provável simpatia mais antiga pelo fascismo italiano, apesar de sua admiração por ideais fascistas ter se oficializado ou se tornado explícita apenas nos anos 1930, com sua associação ao movimento de Salgado. Mas é claro que seria preciso uma pesquisa mais aprofundada como a análise de cartas de Memória, como a que ele enviara a Vargas em 1936, com comentário claramente anticomunista e antissemita.



“Infeliz a nação que precisa de heróis”

**Bertold Brecht**

(Vida de Galileu)

## Fascismo e cultura

“Quando ouço a palavra cultura... destravo minha *Browning!*”

Essa frase ficou popularmente conhecida em versões mais simplificadas – “Quando ouço falar em cultura, pego logo a minha pistola”... – e sua autoria é em geral erroneamente atribuída a nomes de oficiais nazistas, tais como Heinrich Himmler, Joseph Goebbels ou Hermann Göring. No entanto, trata-se de um trecho de uma fala da peça de teatro nazista “*Schlageter*” de Hanns Johst. Geralmente é citada como exemplo da aversão dos Nazi-fascistas ao conceito de cultura.

Em novembro de 2020, o deputado Eduardo Bolsonaro de certa forma ressignificou a frase de Johst ao dizer que “tiro também é cultura”, comentário relacionado a uma aula que fez no BOPE (PMDF), acompanhado pelo secretário especial de Cultura, Mario Frias e pelo secretário nacional de Incentivo e Fomento à Cultura, André Porciúncula. No vídeo publicado, Bolsonaro e os representantes da cultura do governo bolsonarista posam em diversos momentos empunhando suas potentes armas de fogo.

De fato, os fascismos históricos (assim como suas variações contemporâneas) são declaradamente inimigos de quaisquer expressões culturais que não sejam as deles. A diversidade cultural é intensamente combatida. O documentário “Arquitetura da destruição” (*Ungångens arkitektur*, 1989), do cineasta sueco Peter Cohen, analisa muito bem o uso da arte pela Alemanha nazista. A exaltação da chamada “arte sadia” e o rebaixamento da arte moderna, considerada “degenerada” (*Entartete Kunst*) pelo grupo de Hitler, acabou levando a uma censura violenta.



Exposição organizada em 1937, em Munique, pelos nazistas com exemplos de obras consideradas por eles como degeneradas. Na foto, obras de Lovis Corinth (*Ecce Homo*) e Franz Marc (*A torre dos cavalos azuis*). Muitos foram os artistas considerados degenerados. Dentre os mais famosos estão Chagall, Gauguin, Kandinsky, Klee, Kokoschka, Mondrian Picasso...

A queima de livros em massa se tornou prática comum e é um bom exemplo da violência citada. Em cidades como Breslau, Kiel e Munique, foram queimadas milhares de obras raras. Na Itália, a maior biblioteca particular do Reino, pertencente a Benedetto Croce, foi totalmente destruída. Além disso, muitos intelectuais, historiadores, escritores, cientistas, artistas e professores universitários foram perseguidos, presos, torturados e mortos.



Grande queima de livros que ocorreu em várias cidades alemãs no dia 10 de maio de 1933.

Hanns Johst foi um dos que defenderam a queima, justificando a "necessidade de purificação radical da literatura alemã de elementos estranhos que possam alienar a cultura alemã".

No Brasil, em janeiro de 2020, Ricardo Alvim, ex-secretário especial de cultura do governo Bolsonaro, proferiu um discurso claramente inspirado em fala do ministro da propaganda de Hitler, Joseph Goebbels. No vídeo pode-se ouvir, ainda, como música de fundo, trecho do prelúdio da ópera *Lohengrin* de Richard Wagner, compositor declaradamente antissemita e um dos mais tocados nos campos de concentração nazistas. E por falar em campo de concentração, no dia 09 de maio de 2020 (1 dia antes do aniversário da grande queima de livros de 1933) foi a vez da Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República (Secom) publicar mensagem com frase próxima ao slogan nazista "O trabalho liberta" (*Arbeit macht frei*) inscrito no portão do campo polonês de Auschwitz.

## Para além dos fascismos históricos

Seria possível pensar o fascismo como um conceito, para além dos regimes políticos históricos, dos governos declaradamente fascistas ou simpatizantes? Não corremos o risco de acabar banalizando o termo?

Alguns autores, por caminhos metodológicos diferentes sugerem que o fascismo possa ser pensado a partir de suas especificidades. Umberto Eco, por exemplo, não chega a cair na armadilha da generalização simplista, mas, ao levantar ou mapear as principais características fascistas, aponta para um "fascismo eterno", percebido em nosso cotidiano, para além dos fascismos históricos. Eco lista 14 características típicas desse "fascismo eterno" ou "Ur-fascismo" mas sublinha que tais características "não podem ser reunidas em um sistema; muitas se contradizem entre si e são típicas de outras formas de

despotismo ou fanatismo. Mas é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista.”

No texto “Introdução à vida não fascista” de Michel Foucault – prefácio escrito para a edição americana do livro “O anti-édipo” de Deleuze e Guattari – o fascismo é pensado como conceito para além de Mussolini e Hitler. Escreve Foucault que há um fascismo que está em todos nós, “que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora”.

Em seu artigo “O que é fascismo?”, de 1944, George Orwell analisa a generalização do emprego dos termos fascismo e fascista (com pequenas variações vocabulares) em diversas fontes impressas e expressões orais que fazem associações com tendências políticas, ideologias ou, até mesmo, formas de governo. Observa que os mais variados grupos tais como conservadores, socialistas, comunistas, trotskistas, católicos, nacionalistas, são comumente chamados de fascistas. Mas ressalta que, talvez pela dificuldade de definição, muitas vezes o que acontece é que da maneira como é usado, o termo acaba desprovido de todo possível significado e reduzido a um xingamento.

Recentemente, com o avanço do conservadorismo e da extrema direita no Brasil e no mundo – inclusive com a chegada ao poder de alguns representantes desses movimentos extremistas – podemos perceber também uma certa intensificação do uso da palavra fascista e expressões, tais como: fascismo; fascista; fascistóide; neofascista; pós-fascista; “de tendência fascista”.

Autores como Traverso e Renton (*apud* MELO, 2020, p. 16), por exemplo, preferem expressões como pós-fascismo ou “novos autoritários” por considerarem o termo fascismo muito específico. “Tomando todos os cuidados contra o uso inconsistente do termo fascismo para o entendimento da emergência de novos fenômenos da extrema direita, e propondo noções como pós-fascismo ou novos autoritários, Traverso e Renton não descartam a possibilidade de ressurgimento de algo que possa ser referido como fascismo a partir da evolução da crise.” (MELO, 2020, p. 17). Para Melo (2020, p. 17),

o bolsonarismo representa a tendência ao fascismo e com a ocupação do governo federal e as explícitas manobras e mobilizações realizadas nesse um ano e meio de governo Bolsonaro, suas pretensões de implantação de uma ditadura de características fascistas são mais que evidentes.

Na língua e Literatura, destaca Umberto Eco:

1 – “Se relerem "Por quem os sinos dobram", de Hemingway, vão descobrir que Robert Jordan identifica seus inimigos com os fascistas, mesmo quando está pensando nos falangistas espanhóis.”

2 – “Ionesco disse certa vez que ‘somente as palavras contam, o resto é falatório’. Os hábitos linguísticos são muitas vezes sintomas importantes de sentimentos não expressos.”

### Em tempos sombrios

De opressão mais sanguinária  
A verdade anda pelo país  
Com sapatos furados  
Caminha em meio à perseguição.

O porrete diz: estão todos saciados  
A pistola jura: ninguém morre de frio  
Mas sete vezes escorraçado  
O perseguido volta para os seus  
E difunde a verdade.

Escorraçado da superfície  
Aconselha sem trégua  
O subterrâneo.

Claro  
Os quadros encolhem.  
Os mensageiros escasseiam  
Não é recolhida a mensagem.  
Cai em esquecimento o ponto de encontro.

A tortura não faz as bocas se abrirem  
Mas o assassinio as fecha.

**Bertolt Brecht**



## Fontes

BARROS, Alberto da Rocha. *Que é o fascismo?* Rio de Janeiro: LAEMMERT S.A, 1969.

BERTOLUCCI, Rodrigo; FRANÇA, Renan. Assembleia do Rio tem símbolos que podem ser da Roma antiga ou referência ao fascismo. In.: *O Globo*. 14 de Jun. 2015.

ECO, Umberto. O fascismo eterno. In.: *Cinco escritos morais*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio Séc. XXI*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Preface*. In: Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*. New York: Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento. Revisado e formatado por Alfredo Veiga-Neto.

MELO, Demian. O Bolsonarismo como fascismo do século XXI. In: *(Neo)fascismos e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil*. Rio de Janeiro: Morula, 2020.

ORWELL, George. O que é fascismo? In.: *O que é o fascismo? E outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 2017.